

Apresentação do Dossiê:
"Cartas, diários e testemunhos: partilhas literárias, fragmentos de si".

No âmbito literário são inúmeras as manifestações discursivas que exploram os territórios limítrofes do íntimo. Da experiência confidencial de epístolas ou diários que não objetivavam a publicação, à emergência testemunhal de vozes silenciadas, a literatura guarda escritas variadas onde os diálogos com o “eu” e com o “outro” são indissociáveis das referências temporais. As correspondências trocadas e veladas, os romances epistolares, as escritas íntimas e autorreflexivas dos diários - sejam eles cuidados para a leitura privada (com forte matéria autobiográfica) ou destinados a múltiplos leitores - os testemunhos que permeiam as fronteiras entre realidade e ficção, história e literatura, documento e criação são algumas das expressões literárias que este número 7, da Revista *Seda*, busca discutir criticamente.

Poucos textos históricos nos parecem tão familiares, ou tão atrativos para ler, como cartas pessoais ou diários. Reveladores, parecendo emergir diretamente do escritor, criam um elo invisível de intimidade e de cumplicidade atemporais, aproximando-nos de outras individualidades, de passados completamente diferentes dos nossos.

Toda correspondência pressupõe o diálogo com um interlocutor, um destinatário, sendo a essência dialógica o elemento indispensável de sua constituição. Escrever a outrem garante o caráter de comunicabilidade social da correspondência, como se o ciclo da escrita apenas se efetivasse com a leitura do texto feita pelo outro, a quem verdadeiramente se destina. Nesse sentido, a escrita centrífuga de cartas diferencia-se, a priori, da natureza centrípeta da redação de diários. A autodestinação, a aparente exclusão de um leitor que não seja o próprio escritor, a atmosfera privativa e íntima, a escrita ensimesmada, autorreflexiva, são algumas características comuns dos textos que compõem diários.

Há ainda que se ressaltar outra diferença primordial entre cartas e diários. No primeiro caso, o “eu” que escreve molda-se ao “outro” destinatário, paradoxalmente ausente. O grau de intimidade entre as partes, as intenções presentes na escrita, o contexto de sua redação, fomentam um jogo de representação e engendram várias versões possíveis, e por vezes completamente diferentes, do remetente. No segundo caso, ao escrever para si mesmo, princípio que norteia a prática da maioria dos diários, o aspecto representacional seria inexistente. O registro, ainda que fragmentário e memorialístico de vivências pessoais, teria como função primeira impedir o esquecimento. A leitura posterior das entradas datadas do

diário permitiria recuperar lembranças, fatos importantes, fomentando o processo de autoconhecimento e de autoformação.

Entretanto, o aspecto autêntico, supostamente verdadeiro deve sempre ser questionado, pois as tensões entre real e ficcional, entre público e privado, entre literatura e documento estão no cerne das escritas de si.

Pensar os sete textos que compõem o dossiê: *Cartas, diários e testemunhos: partilhas literárias, fragmentos de si*, concebem ao leitor uma pista da partilha entre a literatura e o ensimesmamento.

A pesquisadora Maria Lúcia Dal Farra, em seu artigo *Uma letra a pagar: cartas de amor de Florbela Espanca* propõe o que chama de migração das epístolas amorosas da poetisa portuguesa para seus poemas e versa sobre o modo como esse diálogo se dá diante da "restância" da autora.

Isa Severino em *O indefinível na representação do eu – O diário de Florbela* resgata outra face da poetisa portuguesa, cuja prática do registro diarístico evidencia alguns aspectos como a vulnerabilidade, o autoquestionamento constante e as angústias identitárias presentes não apenas na escrita íntima, mas primordiais na sua obra poética.

Marcio Roberto Pereira nos apresenta com *A construção do intelectual na correspondência entre Jorge de Sena e José Régio (1946-1969)*, com as cartas trocadas entre Jorge de Sena e José Régio nas quais o leitor é convidado a participar dos dilemas políticos, literários e educacionais que envolvem os dois autores no Portugal dos anos 50.

Ervilto Reis no texto *Ler as cartas de Lobo Antunes e as cartas criadas por Inês Pedrosa: Entrelinhas da Literatura e da História em Portugal*, discute o pacto autobiográfico, de Lejeune, como ponto de equilíbrio entre as cartas ficcionais e as consideradas documentos históricos por se tratarem de cartas escritas durante a guerra colonial, transfiguradas em testemunho pelo autor.

O pesquisador José Luís Fornos apresenta o artigo *Testemunhos de um jovem imigrante português em Materna doçura, de Possidônio Cachapa*, em que propõe o diálogo entre a memória e a história, assim como as pontes propostas entre o luto, o testemunho e o esquecimento.

Por sua vez Tereza Seiblit e Raïssa de Góes em seu trabalho *Entrecruzamento de escritas de bastidores*, discorrem sobre o ato da escrita, ou seja, a quem se destina a epístola ou para quem servem.

Ana Paula Franco Nobile Brandilone e Anna Karla Veiga em seu artigo intitulado *O testemunho como representação marginal em Estação Terminal, de Sacolinha*, aponta para questões

contemporâneas discutidas na narrativa marginal e/ou periférica como testemunho de sua época.

A pesquisadora Sheila Jacob apresenta a resenha *'Pentear-me por escrito': a busca de si por meio da biografia de um cabelo*, sobre o livro da socióloga Djamila Ribeiro *Que é esse cabelo?* No qual discute questões ligadas à memória, identidade, autoafirmação que nos remetem aos limites das memórias coletiva e individual e o poder da escrita.

Fechando este número, o texto da Varia *A contracultura viva: da poesia marginal ao cep 20.000*, de Ricardo Chacal e Ana Cristina Rezende Chiara apresenta os coletivos de poesia vivenciados pelo autor desde os poemas de mimeógrafo 71, passando pela poesia marginal até sua eclosão no CEP – Centro de Experimentação Poética.

Cíntia Kütter e Claudia Barbieri Masseran